



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

LUCRÉCIA DIAS DE ARAÚJO NUNES

**AS VOZES “QUE FALAM E QUE DEIXAM FALAR” NO DIZER DE UMA
PROFESSORA EM FORMAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO**

CAMPINA GRANDE

2018

LUCRÉCIA DIAS DE ARAÚJO NUNES

**AS VOZES “QUE FALAM E QUE DEIXAM FALAR” NO DIZER DE UMA
PROFESSORA EM FORMAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras –
Língua Portuguesa, da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de graduada em Letras.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Orientadora: Prof. Dr. Tatiana Fernandes
Sant’ana.

CAMPINA GRANDE

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N972v Nunes, Lucrecia Dias de Araujo.

As vozes "que falam e deixam falar" no dizer de uma professora em formação [manuscrito] : uma experiência no estágio supervisionado / Lucrecia Dias de Araujo Nunes. - 2018.

31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Tatiana Fernandes Sant'Ana , Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Linguística Aplicada. 2. Estágio Supervisionado. 3. Diário Reflexivo.

21. ed. CDD 410

LUCRÉCIA DIAS DE ARAÚJO NUNES

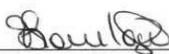
AS VOZES “QUE FALAM E QUE DEIXAM FALAR” NO DIZER DE UMA
PROFESSORA EM FORMAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO

Artigo apresentado como Trabalho de
Conclusão de Curso em Letras – Língua
Portuguesa, da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduada em
Letras.

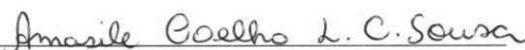
Área de concentração: Linguística
Aplicada.

Aprovada em: 15/06/2018.

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Tatiana Fernandes Sant'ana (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Me. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Me. Alessandra Magda de Miranda
Universidade Federal da Paraíba (Doutoranda PROLING)

Dedico a minha família, que mesmo
diante de todas as dificuldades, sempre
me incentivou a nunca desistir.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais amados, por todo incentivo aos estudos e pelas broncas todas as vezes que quis desistir. Pela compreensão das vezes que não pude me fazer presente em reuniões de família ou em outras ocasiões.

Ao meu esposo amado, por estar ao meu lado desde a escolha do curso, até a conclusão dele. Pela parceria e altruísmo, pois, muitas vezes, abriu mão de seus sonhos para realizar o meu. Pela paciência e compreensão sempre que recusei um programa de casal, pois tinha que estudar, assim, acabava ficando em casa esperando o momento em que eu tivesse tempo para nós dois.

A minha avó querida, pelo apoio financeiro no início do curso que tanto me ajudou com as xerox, passagens e lanches. Pela compreensão das vezes que não pude ficar conversando sobre o passado, pois tinha algum trabalho a fazer.

A minha irmã querida, pelo incentivo a ser professora como ela, me indicando o curso de Letras – Língua Portuguesa, pois, segundo ela, tinha a ver comigo. Pelas partilhas de angústias, medos e soluções para determinados problemas que compartilhamos como professoras.

Aos meus colegas de curso. Em especial, o meu amigo querido, João Matias da Silva Neto, que com sua amizade e companheirismo, fez com que passássemos com mais facilidade pelos empecilhos que surgiram durante o percurso. Agradeço os momentos felizes vividos, todas as risadas que tornaram os meus dias mais alegres.

Aos colegas de outros períodos, sobretudo, Bruno Santos Melo e Ana Daniele Félix da Silva, pela ajuda todas as vezes que os recorri. Os conselhos, as partilhas e as palavras de apoio que ficarão sempre comigo.

A todos os professores da educação básica, alguns, hoje, colegas de trabalho, que me nutriram de conhecimentos que carregarei eternamente.

Aos professores da graduação, que construíram, cada um com sua parcela, a profissional que sou hoje, especialmente os professores dos estágios.

Aos professores colaboradores das escolas que estagiei, pela receptividade, apoio, nos momentos difíceis e ensinamentos valiosíssimos para mim.

Ao coordenador do Curso Comunitário Preparatório para o ENEM, PRÓ-ENEM, Faustino Moura Neto, pela oportunidade de monitorar uma disciplina no curso,

assim, fazendo que eu crescesse como professora e pela contemplação da bolsa que muito me ajudou financeiramente no decorrer da graduação.

A minha querida orientadora, Tatiana Fernandes Sant'ana, que com toda a sua boa vontade me ajudou de todas as formas possíveis, a qual não tenho palavras para agradecer. Grata pelas palavras de incentivo durante o estágio, que me fizeram acreditar um pouco mais em mim e no meu potencial como professora. Dessa forma, mesmo que indiretamente, estará comigo todos os dias em minha sala de aula, modificando as vidas dos meus alunos e das pessoas que os cercam. Ficaré para sempre na minha lembrança e no meu coração.

A minha banca, Alessandra Magda de Miranda, Amasile Coelho Lisboa de Costa Sousa, professoras competentes, a quais tenho grande admiração, pela a avaliação e os comentários de grande valia para meu trabalho.

Por fim, não menos importante, a Deus, que nos momentos de desespero acalmou o meu coração, fazendo com que minha fé fosse maior do que o meu obstáculo. Esteve sempre comigo por meio das minhas orações, as orações dos meus familiares e amigos.

Obrigada!

“Quem é como o sábio? Quem conhece a intenção das coisas como ele? A sabedoria do homem ilumina seu rosto e lhe abrandando a natureza da face.” (BÍBLIA, ECLEISASTES, 8:1)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	9
2. FORMAÇÃO DOCENTE, VOZES E O ENTRELACAMENTO DE TEORIAS.....	10
3. AS VOZES, OS SABERES E AS FASES DA CARREIRA DOCENTE NO DISCURSO DA PROFESSORA-ESTAGIÁRIA.....	14
3.1 Voz da autora empírica.....	15
3.2 Voz social.....	18
3.3 Voz dos personagens.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
ABSTRACT.....	25
REFERÊNCIAS.....	27
APÊNDICE A – DIÁRIO REFLEXIVO SOBRE A 1º AULA DE INTERVENÇÃO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO III.....	29

AS VOZES “QUE FALAM E QUE DEIXAM FALAR” NO DIZER DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Lucrécia Dias de Araújo Nunes – UEPB

Tatiana Fernandes Sant’ana (Orientadora) - UEPB

RESUMO

O principal objetivo da pesquisa em questão é refletir sobre as dificuldades, encontradas e superadas, por uma professora estagiária, que contribuem para sua vida profissional docente. Para tanto, tendo como escopo teórico a Linguística Aplicada, mais especificamente o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), o presente estudo visa identificar as vozes (BRONKHART, [1999]2009) que se entrelaçam no discurso de uma professora em formação, os saberes (TARDIFI, [2012]2014) mobilizados por esta e as fases da *Sobrevivência e Descoberta* (HUBERMANN, 1989) que perpassam essa profissional. A análise de sucederá a partir de um diário reflexivo (REICHAMNN, 2009), escrito por uma docente em formação durante o primeiro dia de intervenção, no Estágio Supervisionado III, voltado ao Ensino Médio. Desta forma, a pesquisa se enquadra na abordagem qualitativo-interpretativa (BORTONI-RICARDO, 2008), de base documental (OLIVEIRA, 2007). Por meio da análise, no que se refere às vozes, foram identificadas: *a voz da autora empírica*, representada ora pela estagiária, ora pela professora; *as vozes dos personagens*, a professora da escola, os alunos e a professora supervisora; e, por fim, *a voz social*, ora a voz dos estagiários, ora a voz dos professores. Os saberes mobilizados pela colaboradora foram diagnosticados como os saberes *pessoais e profissionais* e, no que se refere às fases, o período da *sobrevivência* é relacionado ao Estágio II, à vista das dificuldades encaradas pela estagiária e a *descoberta*, ao Estágio III, por meio da superação vivenciada por esta. A partir da identificação das vozes, pode-se constatar a concomitância dos saberes e o estágio supervisionado no que se refere à composição deles, além da vivência da estagiária pelas fases de iniciação a docência. Assim, pode-se inferir que não há possibilidade de uma análise efetiva sem a interação das vertentes do estudo em questão.

Palavras-Chave: Linguística Aplicada. Estágio Supervisionado. Diário Reflexivo.

INTRODUÇÃO

A Linguística Aplicada (L.A), linha de pesquisa que embasa esse estudo, atualmente, é de grande crescimento no Brasil (VENTURI, 2004). Desde a década de 90, Celani (1998) constatou uma considerada diversidade de teses e de dissertações

voltadas não só para o processo de “ensino e aprendizagem”, como também, assim como tem acontecido mais recentemente, em torno da “formação docente”, como é o caso do presente trabalho.

Permeado nesse contexto de investigação, adentrando o universo das licenciaturas, o universitário, à medida que vai cursando determinadas disciplinas, percebe que dar aulas é muito mais complexo do que simplesmente ministrar determinado conteúdo. Ser professor implica, como ressaltam Tardif e Lessard (2007), saber lidar com impedimentos que estão além do planejamento, como deparar-se com um aluno problemático, com uma turma trabalhosa, com o desinteresse pelo conteúdo, com o desrespeito para com o professor dentre outros. E durante a experiência vivenciada nos estágios supervisionados, no curso de Letras-Português, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)/Campus I, essa realidade não é diferente.

Por isso que, para a realização desse estudo, optou-se por analisar um diário reflexivo (REICHAMNN, 2009), escrito por uma aluna estagiária que, ao relatar como foi o seu primeiro dia de intervenção, em uma turma de Ensino Médio, revelou todos os medos e angústias vivenciados em outra experiência, durante a sua atuação no estágio anterior. Assim, como o discurso dessa colaboradora, sujeito da presente pesquisa, representa, na verdade, outros discursos, surgem alguns questionamentos:

- Quais vozes se fazem presentes no falar de uma professora em formação?
- Quais dessas vozes estão entrelaçadas e o que elas denunciam sobre o período do Estágio Supervisionado?
- Quais saberes são mobilizados pela docente licencianda?

Para responder a esses questionamentos, surgem os objetivos:

→ Geral: refletir sobre as dificuldades, encontradas e superadas, por uma professora estagiária, que contribuem para sua vida profissional docente.

→ Específicos: analisar as vozes que circundam e que se entrelaçam nesse diário; diagnosticar os saberes que permeiam esse discurso, confrontando as experiências vivenciadas entre os estágios supervisionados II e III; e reconhecer as fases vivenciadas pela autora do diário no que dizem respeito ao período inicial da carreira docente.

Para ser possível a realização desse estudo, serão usadas com escopo: a formação docente, com foco nos saberes, mobilizados pela contribuição de Tardif ([2012]2014); o estágio supervisionado, centrado nas ideias de Pimenta & Lima (2009); a teoria sobre vozes, pautada em Bronckart ([1999]2009); e as fases da iniciação à

docência, de Hurbermann (1989). Antes, porém, serão descritos os aspectos metodológicos.

1. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A abordagem proposta por esse estudo será *qualitativa-interpretativa*, que, segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 34), “procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto” e de base *documental*, que, nos termos de Oliveira (2007, p. 69), “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico”, dado que o corpus é constituído por um diário reflexivo, documento ainda não publicado, tornando-se, assim, uma pesquisa de fonte primária (OLIVEIRA, 2007).

Produzir diários reflexivos (LIBERALI, 1999) a respeito das aulas ministradas foi uma sugestão da professora supervisora do Estágio Supervisionado III, na vertente de língua (já que esta disciplina é dividida em língua e literatura). Na ocasião, ela lembrou que essa produção não valeria nota nem seria anexada ao relatório final e sua escrita não era, de fato, obrigatória. Caso o discente optasse em escrevê-lo, não precisaria de uma escrita com total formalidade. Assim, caberia ao escritor falar a partir de uma perspectiva pessoal, sobre seus sentimentos, frustrações, conquistas vivenciadas na intervenção.

No documento a ser analisado, é possível perceber que a estagiária faz reflexões a respeito de sua ação em sala de aula, podendo ser embasadas de teorias vistas no decorrer do curso e ou de saberes adquiridos ao longo de sua vida. Assim, o diário foi escrito em 16 de outubro de 2017, sobre o primeiro dia de intervenção, em Língua Portuguesa, em uma turma de 2º ano do Ensino Médio, de uma escola pública de Campina Grande. Totalizaram, a partir dos encontros, seis diários, entretanto, será analisado, como foi dito, apenas o primeiro¹, por acreditar que esse consiga retratar todas as ansiedades, incertezas e evoluções de uma professora em formação.

O diário foi escrito em primeira pessoa, desta forma, a reflexão feita pela autora diz respeito a perspectiva que ela teve de a si como estagiária. No primeiro momento, ela fala sobre a sensação predominante ao iniciar a intervenção, a angústia, e os fatores

¹ O diário encontra-se no Apêndice A, na página 29.

que a ocasionaram, como por exemplo, a experiência do estágio passado, que, para ela, deixou resquícios que se transformaram nessa sensação no início do Estágio III. Em seguida, a autora cita os agentes que contribuíram para que se sentisse insegura e preocupada diante da intervenção, em especial, no primeiro dia com a presença da professora da turma e os alunos. Entretanto, revela a surpresa diante dos agentes e a sensação que, passou a predominar, o alívio. Por fim, cita a professora supervisora e fala sobre a forma como a estagiária avaliou a aula, despertando na diarista o sentimento de felicidade, pois, foi valorizada enquanto profissional e isso a fez querer seguir em frente no estágio e na docência.

A diarista, colaboradora dessa pesquisa e também a autora desse artigo, é concluinte do curso de Licenciatura em Letras- Português, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I. Ingressou no curso no ano de 2014, nasceu em Campina Grande, porém reside na cidade de Alagoa Nova, no Brejo paraibano. É casada, possui 21 anos de idade e um ano e seis meses de experiência docente, ou seja, desde o início do ano letivo de 2017, ministra aulas no Ensino Fundamental II, numa escola municipal, situada na cidade em que reside.

Assim, o presente artigo tem como propósito um estudo voltado à análise das *vozes*, apresentadas por Bronckart ([1999]2009), reveladas na fala de uma docente em formação. Segundo Oliveira (2007), o pesquisador deve aprofundar-se no que se refere ao contexto presente nos documentos, justificando outra vertente do embasamento teórico, centrado na formação docente (PIMENTA & LIMA, 2009), tendo em vista, sobretudo, os saberes, de que trata Tardif ([2002]20014), e as fases, de Hubermann (1989) como apresentado a seguir.

2. FORMAÇÃO DOCENTE, VOZES E O ENTRELAÇAMENTO DE TEORIAS

Na universidade, as disciplinas responsáveis por discutir a formação docente (FD) ainda não conseguem explorar a realidade escolar de forma empírica, mesmo que atualmente a organização curricular exija que a partir da metade do curso as disciplinas pedagógicas sejam integradas às teóricas (BRASIL, 2015).

Segundo Hubermann (1989), infelizmente, muitos professores, com anos de carreira, recém-concluintes ou ainda graduandos, acreditam que, ao concluir a escola normal ou o curso de licenciatura, serão professores formados e que não precisarão mais estudar e nem ser avaliados por si ou pelos outros. Isso acarreta problemas no que

concerne à educação, pois reforça possíveis erros que causarão danos irreversíveis aos sujeitos que compõem a instituição Escola.

Para minimizar esse quadro, o período inicial da formação docente é, sem dúvida, o mais importante pelo qual passa o professor, uma vez que é nesse momento que o sujeito se posiciona na profissão. Quando não há essa identificação com o ofício, muito provavelmente, o graduando irá desistir de ser professor. Pensando nesse momento inicial, Hubermann (1989) apresenta duas etapas pelas quais o mestre em fase inicial de carreira transpassa. A *sobrevivência*, momento em que se depara com a realidade escolar, desmistificando toda uma ideia de alunos, escola e ensino perfeitos, criada durante a graduação. E a *descoberta*, fase do entusiasmo inicial, na qual o docente se reconhece como professor de fato, tendo autonomia, autoridade, domínio de conhecimento e sentindo-se parte da equipe escolar. A *descoberta* é o fator crucial para que o docente consiga superar o estágio da *sobrevivência* e permaneça na profissão.

De acordo com Hubermann (1989), o período de tempo em que ocorrem essas duas etapas não necessariamente é após o término da graduação, nos primeiros anos de docência. Pode ocorrer no primeiro contato do profissional com uma sala de aula, que, geralmente, é por meio do estágio supervisionado. Logo, ao se deparar com alunos “não perfeitos”, com uma escola desorganizada e com dificuldades em abordar o conteúdo proposto, o professor diagnostica o impacto da realidade, vivenciando a *sobrevivência*. Já a *descoberta* pode co-ocorrer com a anterior, considerando que o docente em formação pode encarar aquela realidade como passageira, reforçando o sonho de que, quando for professor, não irá ter que passar por uma situação semelhante e, se acontecer, terá autoridade e autonomia para resolver a questão.

Assim, por meio dessas experiências, são constituídos os saberes de um professor, que por sua vez são heterogêneos e temporários (TARDIF, [2012]2014). Logo, o professor, seja em formação inicial, seja com anos de experiência, tende a recorrer aos saberes – *peçoal, da formação escolar, da formação profissional, didático e experiencial* - (TARDIF, [2012]2014), que coexistem durante sua formação e se perpetuam durante todo o período em que o profissional está em exercício, como pode ser observado:

- *O saber pessoal*, aquele em que o sujeito adquiriu durante sua vivência familiar e em outras instituições sociais, como a escola, dado que o professor enquanto aluno, ao conviver com professores durante a maior parte da sua vida, absorveu, por exemplo, posturas acerca do andamento das aulas;

- *O saber da formação escolar*, que diz respeito aos conhecimentos ganhos por meio da escola ou de uma instituição de ensino superior, no que se refere a conteúdos transmitidos por meio de disciplinas;
- *O saber da formação profissional*, aquele que se concretiza por meio de uma instituição formadora, mais especificamente, pelas disciplinas voltadas à formação do professor, como, por exemplo, os Estágios Supervisionados;
- *O saber didático*, centrado nos conhecimentos oriundos dos livros didáticos e das ferramentas do trabalho docente. Consiste numa espécie de facilitação do trabalho do professor, através da formulação de atividades e dos exercícios avaliativos; e
- *O saber experiencial*, construído ao longo da atividade docente, que pode começar a ser constituído desde o período do estágio, no momento em que o estagiário passa a refletir sobre sua prática, causando, assim, uma percepção maior para si no tocante à definição de “ensinar”; este saber faz referência à metodologia de ensino, à postura como profissional e à relação professor/aluno, que, naturalmente, vão se modificando com o tempo de sala aula.

Diante do exposto, para análise do *corpus* desse estudo, serão priorizados os *saberes pessoais e experienciais*, dada a presença marcante e reiterada no discurso apresentado pela colaboradora.

Até o momento, pode-se afirmar que a formação docente, por mais pesquisada e discutida que seja, nunca será um tema inacabado. Cada aluno, turma, escola, profissional, curso de formação docente é único e sua realidade também o é. Assim, a experiência vivida por meio do estágio supervisionado deve ser vista como forma de crescimento pessoal e profissional, pois, ao iniciar um curso de licenciatura, é normal que o discente crie uma expectativa.

Num curso de licenciatura, as disciplinas voltadas à docência são, geralmente, as Práticas Pedagógicas I e II, Organização do Trabalho na Escola e Currículo; Processo Didático, Planejamento e Avaliação e os Estágios Supervisionados I, II e III. Porém, há ainda um déficit relativo a formar professores, dado que as disciplinas anteriores aos estágios, como citadas acima, para a maioria dos discentes, não são valorizadas, fruto de uma cultura que acredita que qualquer profissão se aprende na prática (PIMENTA & LIMA, 2009).

No momento em que o docente em formação se depara com as disciplinas de estágio, surgem algumas questões, que talvez só venham ser respondidas no final, como, por exemplo, “O que é o estágio de fato? É nesse momento que o docente em formação aprenderá a ensinar?”. Acerca disso, Pimenta & Lima (2009) ressaltam que:

Também, com frequência, se ouve que o estágio tem de ser teórico-prático, ou seja, que a teoria é indissociável da prática. Para desenvolver essa perspectiva, é necessário explicitar os conceitos da prática e da teoria e como compreendemos a superação de fragmentação entre elas a partir do conceito do práxis, o que aponta para o desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade. (PIMENTA & LIMA, 2009, p. 34)

Dessa forma, o estágio é visto como o momento de reflexão a partir da união entre as teorias, estudadas nas disciplinas anteriores, e a prática, exercida por meio dele. Em nenhum momento o docente é ensinado a ensinar, pelo contrário, é posto como obrigação, para ele saber enfrentar situações que surgem nesse período tão conflituoso.

Deparando-se, em muitos casos, com a primeira vez em sala de aula, o professor em formação tende a imitar profissionais, vistos como modelos de perfeição e esquecem que “o conceito de bom professor é polissêmico, passível a interpretações diferentes e mesmo divergentes” (PIMENTA & LIMA, 2009, p. 35), podendo ser visto como ultrapassado e /ou inadequado para a ocasião.

Pensando nisso, esse trabalho pretende dar voz ao professor em formação, embasado na contribuição teórica do Interacionismo Sociodiscursivo - ISD (BRONCKART, 2009), que tem como propósito o estudo das atividades humanas, resultado de fatores do processo histórico e da socialização. Dessa forma, a língua sendo uma conduta humana, não deixa de ser um produto do meio social, dado que sofre influência de todas as vertentes que compõe a vida do ser humano.

Para Bronckart ([1999]2009, p. 259), todo texto empírico obedece a uma articulação proposital, uma situação de escrita/fala para que o leitor/interlocutor tenha completo entendimento a respeito do que quer ser dito. Pensando nisso, o autor apresentou três níveis que compõem a arquitetura interna de todo e qualquer enunciado: os mecanismos de textualização (conexão e coesão nominal) e os mecanismos enunciativos (modalizações e vozes). O terceiro nível apresentado é o foco do estudo desse trabalho.

Os mecanismos enunciativos, segundo Bronckart ([1999]2009, p. 319), referem-se ao posicionamento enunciativo, isto é, dizem respeito a quem fala e como fala,

independente da progressão textual. Voltando-se prioritariamente às vozes, foco desse estudo, o autor lança três categorias, a saber: a voz *do autor empírico*, a voz *de personagens* e as *vozes sociais*:

- A voz *do autor empírico* diz respeito a quem está na gênese do dizer, isto é, o agente da ação de linguagem; é inteiramente responsável por todo texto a ser enunciado e os mecanismos utilizados; geralmente, pode ser identificada em textos autobiográficos, como relatos, cartas de opinião, diários entre outros;
- A voz *dos personagens* constitui a voz de outras pessoas ou entidades humanizadas relacionadas ao discurso proferido; pode estar demarcada tanto por meio do agente da ação da linguagem, quanto indiretamente, pela citação de outros ser humanos no que está sendo dito; e
- A voz *social* representa figuras públicas, grupos ou instituições sociais. Nesse caso, são as vozes que falam de todos, por todos e para todos. Elas podem ser facilmente identificadas em reportagens, artigos científicos, monografias, seminários ou textos que retratem um reflitam sobre um fato consensual.

Ao apresentar esses tipos, Bronckart ([1999]2009) afirma que as vozes se articulam à medida que o texto vai sendo escrito/falado, de acordo com os acontecimentos que nele são expressos. Assim, todo e qualquer texto tem vozes entrelaçadas, já que tudo o que se fala é produto do meio de vivência do falante.

O diário reflexivo, para Liberali (1999), diz respeito ao diário produzido por um discente após uma aula, visto suas percepções desta, ou um professor em formação inicial ou continuada, tendo como principal objeto a reflexão sobre suas ações como docente e sua percepção no que concerne à educação (escola, alunos, colegas professores, materiais didáticos). Vale salientar, que para a autora, a reflexão realizada pelo aluno/docente é dada por meio de textos lidos e discutidos em sala, visto que esse refletir sobre a ação não somente é de forma empírica. Dessa forma, pode-se dizer, quando que ao tratar de um docente, o autor do diário, passando a meditar sobre sua prática, não diz respeito só sobre sua postura, domínio de conteúdo ou de turma, mas também sobre todo contexto em que está incluso.

No que se refere ao *corpus* do presente trabalho, pode surgir um preconceito diante da voz que fala ser somente a do autor empírico, porém, para Pereira (2011), é comum que haja uma camuflagem das vozes dos personagens e da voz social permeadas na do autor do diário. Desta forma, o pesquisador deverá levar consideração, além do contexto social, dêiticos que demarcam a voz que fala, como será feito a seguir.

3. AS VOZES, OS SABERES E AS FASES NO DISCURSO DA PROFESSORA ESTAGIÁRIA

Para conseguir definir as vozes, os saberes e as fases que reveladas no diário objeto de análise, foram necessárias diversas leituras para detectar quem está sendo representado na fala da diarista. Quanto as vozes, destacou-se: a de *autora empírica*, ora falando como professora que já ensina, ora como estagiária; as de *personagens*, destacando os estagiários, a professora da escola, os alunos da turma e a professora supervisora; e as *sociais*, identificadas como a voz dos estagiários e a voz do ser professor, muitas vezes permeadas por discursos mistos.

Também foi levado em consideração o contexto do enunciado, que serviu para analisar os saberes, em especial, os *pessoais* e *experenciais*, referentes à formação da diarista. A autora prioriza falar, enquanto estagiária e professora, em detrimento às ações referente ao ensino e aprendizagem, não privilegiando os demais saberes apresentados por Tardif ([2012]2014), identificando apenas os saberes *pessoais* e *experenciais*.

A partir desses saberes, é possível refletir sobre a formação inicial da docente, sobretudo sobre o estágio supervisionado, atentando às fases da *sobrevivência* e da *descoberta* (HUBERMANN, 1989), como abordado a seguir.

a) Voz da autora empírica

A primeira voz identificada no diário foi a da autora empírica, pelo fato de a produção de diários, geralmente, ser escrita em primeira pessoa, fazendo referência a um momento vivido, nesse caso específico, no estágio de intervenção. Inicialmente, a diarista se coloca como estagiária, ao retratar seus medos e conquistas já na primeira aula. Posteriormente, é possível identificar sua postura, enquanto professora que já atua em outra escola, dado que a mesma faz referência a sua vivência profissional. Exemplos de cada uma dessas posturas serão analisados separadamente.

- Como estagiária

Pelo fato de o *corpus* se tratar de um diário reflexivo, um gênero que tem como escopo a autobiografia, a presença da voz da autora empírica é quase que indiscutível. Porém, neste caso, o “eu” do discurso é reconhecido como estagiária, momento no qual narra e reflete sobre o que ela intitula de “pré-estágio”, como consta no fragmento 01 que segue:

Fragmento 01:

Se eu pudesse resumir a sensação pré-estágio em uma palavra, seria: angústia [...] A minha angústia maior era ter que passar novamente por todo aquele processo tão traumatizante que foi o estágio II [...] Ai como era ruim, não gosto nem de lembrar.

No início do exemplo, ao declarar *Se eu pudesse resumir a sensação pré-estágio em uma palavra, seria: angústia*, é perceptível que o pronome pessoal “eu”, demarcado antes do verbo, evidencia que se trata de um autor empírico, como proposto por Bronckart ([1999]2009), narrando um misto de sensações e sentimentos que dificultou o início do processo da intervenção.

Para a autora empírica, na posição de estagiária, estar prestes *a passar novamente por todo aquele processo tão traumatizante que foi o estágio II*, revela de forma imperativa que as experiências anteriores que ocorreram antes do estágio supervisionado III não foram boas o suficiente para que a mesma tivesse uma expectativa diferente em relação ao que estava cursando.

Do ponto de vista de Hubermann (1989), pode-se dizer que a autora está a passar pelo momento da *sobrevivência*, já que supostamente iria encarar uma realidade que fez com que a mesma desenvolvesse essa sensação perante ao estágio, uma vez que essa realidade diz respeito a todo o conjunto que compõe o estágio (a escola, a turma, a professora da turma, a professora supervisora e a sua desenvoltura, enquanto docente), dessa forma, desmistificando uma fantasia de ideal criada por ela durante a graduação. Quando afirma passar novamente *por todo aquele processo tão traumatizante que foi o estágio II*, pode-se constatar que é fruto do saber *experiential* (TARDIF, [2012]2014), pois ao considerar o estágio traumatizante, visto sua experiência, faz com que a autora subentenda que o estágio III se sucederia da mesma forma.

Com base em sua fala, parece que o estágio, período tão importante para a formação docente, pode ser traumatizante para muitos estagiários, pois, quando

se é a primeira experiência em sala de aula e essa não é agradável, o docente em formação pode tomar aquilo como uma realidade, chegando a desistir de atuar ou achar que aquela sensação é eterna. Felizmente, não foi o que aconteceu com ela, já que atuava, mesmo que há pouco tempo, como será exposto a seguir.

- Como professora

Em todo diário, a autora faz uso de dêiticos para determinar a voz que fala. Em alguns momentos, chega a citar várias vezes o pronome pessoal “eu”, o obliquo tônico “comigo”, além de conjugar verbos em primeira pessoa do singular, ocultando o sujeito do enunciado, delimitando, assim, a voz da autora empírica na posição de professora, como abaixo mencionado:

Fragmento 02:

Isso fortaleceu uma convicção que eu venho construindo com essa pouca experiência em sala, mas com alguns desafios superados (outros nem tanto) em relação a alunos que são trabalhosos com outros professores, mas comigo, se comportam, me respeitam, conversam sobre a vida deles, acredito que isso vem da forma como eu chego perto do aluno, como eu o trato diante dos colegas, eu percebo que quando isso acontece eles ficam admirados, pois isso não é tão comum no ambiente escolar.

No início do exemplo, a autora ao afirmar que tem *pouca experiência em sala*, deixa claro que está em exercício docente no momento da intervenção do estágio e, por isso, une o que foi feito e aprendido como estagiária com os acontecimentos e reflexões vivenciados diariamente como professora, o que fortalece uma convicção que vem sendo construída por ela.

Assim, a autora subtende que pratica rotineiramente um dos principais pontos propostos e incentivados pelo estágio, que é a reflexão, não só a de como, por quê e quando trabalhar um determinado conteúdo, mas também, sobre a postura do docente para com os alunos (e vice-versa). Ao escrever que, *quando isso acontece, eles ficam admirados* e que *isso não é tão comum no ambiente escolar*, ela revela que acaba interferindo no interesse deles pelo assunto, estimulando-os, muitas vezes, a permanecerem na sala de aula e na escola.

Vale salientar que a postura dos discentes em relação à professora influenciou diretamente sua vontade de continuar a exercer a prática docente, visto que, ao invés de esse profissional se sentir rejeitado, invisibilizado, ou, até mesmo, acuado por

determinados alunos, motivou-se a continuar trabalhando, já que eles se comportaram e a respeitaram. Constata-se nesse exemplo, mais uma vez, a presença do saber *experiential* (TARDIF [2002]2014), tendo em vista que o conhecimento adquirido durante a (breve) experiência docente foi essencial para ela agir como professora e manter o controle da turma.

Interessante perceber que, grande parte das vezes, o estágio serve para eliminar ou minimizar possíveis vícios que o professor experiente tem em sala de aula. Com esse exemplo, entretanto, ocorre o inverso. A estagiária lembra que, para “sobreviver” naquela sala de aula, é fundamental *a forma como eu chego perto do aluno, como eu o trato diante dos colegas, eu percebo que quando isso acontece eles ficam admirados, pois isso não é tão comum no ambiente escolar*, ou seja, faz uso de práticas de seu agir como professora. A seguir, segue análise da voz social.

b) Voz social

Diante das vozes identificadas acima, a voz social foi mais a dificultosa em termos de reconhecimento, visto que, em alguns momentos, está entrelaçada na da autora empírica ou na dos personagens, podendo causar, assim, uma distração no que diz respeito à reconhecimento da mesma. Porém, após algumas leituras e releituras, foram possíveis de ser identificadas:

- A dos estagiários

No exemplo que segue, a autora faz referência a sensação de angústia, citada no exemplo 01, porém de uma perspectiva diferente. Quando a mesma utiliza o pronome de tratamento “você” e o pronome reflexivo “se”, não está a falar diretamente ao leitor, nem para si mesma, mas representa, de certa forma, todos os estagiários que passaram ou passam por uma situação semelhante.

Fragmento 03:

além de você dar aula para uma turma altamente problemática, ainda ter que escutar poucas e boas ao final da aula, e assim, sair se sentindo um lixo da escola e querendo nunca mais voltar lá.

Nesse momento, a autora do diário retoma algo que foi sinalizado no exemplo 01, ao fazer referência ao Estágio Supervisionado II, como uma experiência muito traumatizante. Agora, no 03, ela explica o que aconteceu durante essa intervenção na escola, a ponto de influenciar na sua estabilidade emocional, sua autoestima e, conseqüentemente, a sua segurança enquanto professora em formação.

Quando a autora diz: *além de você dar aula para uma turma altamente problemática*, pode-se constatar que a mesma se deparou com uma realidade escolar completamente diferente do que se imaginava. Mesmo na graduação, diversificando as aulas, com metodologias variadas, com a supervisão de uma professora experiente, era perceptível a passagem pelo período de *sobrevivência*, citado por Hubermann (1989).

Dessa forma, a princípio, poder-se-ia inferir a voz dos personagens estagiários, contudo, com a leitura, detecta-se, nitidamente, a predominância da voz social, marcada por uma realidade vivenciada nas turmas de estágio supervisionado, a dificuldade em dar aula e agradar, não só os alunos, como também o professor supervisor.

A vista disso, pode-se imaginar o quão difícil é para um estagiário em formação inicial deparar-se com situação desse gênero e ser avaliado como se nesse meio período de tempo pudesse reverter aquela realidade, ao relatar: *ainda ter que escutar poucas e boas ao final da aula, e assim, sair se sentindo um lixo da escola*. Dessa forma, essa denúncia faz a diarista colocar os estagiários em lugar do outro, não de professores, mas de alunos, que se veem como impotentes e incompetentes, diante da avaliação feita pelo supervisor.

Passar por uma situação semelhante a essa não é fácil, por isso desejava nunca mais voltar lá. Na verdade, ela denuncia uma realidade vivenciada pelos estagiários, nas licenciaturas como um todo, um “choque de realidade” com a turma, com a escola e com toda a comunidade que os cerca. Havendo cobranças de perfeição, especialmente do professor supervisor, o estagiário passa a enxergar apenas três lados: o de acertar, o de errar e como melhorar, não refletindo sobre.

Diferentemente de quando se é professor e não está sendo avaliado por ninguém, o docente passa a pensar sobre suas atitudes de forma abrangente e autônoma, como ocorre com a autora, como analisado a seguir.

- A dos professores

O fragmento que segue mostra a voz social sob uma ótica da voz de um professor, no qual fala sobre o que é ser professor e como se tornar um professor, na sala de aula, no exercício como docente.

Fragmento 04:

mas por eu ter a certeza que não se nasce professor, torna-se professor, e isso só acontece quando você está dentro de uma sala de aula, tendo a oportunidade de errar e refletir sobre o seu erro, tentando melhorar sempre.

Pode-se perceber, a partir do exemplo acima, que a autora fala sobre a docência com a autoridade de quem está a exercer o ofício: *e isso só acontece quando você está dentro de uma sala de aula*, ressaltando a importância da experiência em sala de aula para se tornar um professor de fato. Logo, acaba por desmistificar a sensação de que, ao passar pelo estágio ou se formar em uma licenciatura, o sujeito torna-se um professor nato, como o mestre Paulo Freire (1991, p. 58) atesta em sua famosa obra “A Educação na Cidade”.

Desse modo, pode-se definir a voz social que fala como a dos professores de uma forma geral, que deveriam valorizar a reflexão sobre seu trabalho em sala de aula como algo corriqueiro. Além disso, com base em Tardif ([2002]2014), é perceptível a valorização do saber *experiential*, dado que foi esse saber adquirido na prática que fez a autora definir o ser professor.

Aos poucos, a *sobrevivência* e a *descoberta*, aparecem no discurso da diarista, através da voz social: ora ela concluiu que a academia não dá conta para formar um professor por completo, tendo que *sobreviver*; ora defende que essa formação vai se efetivando ao longo do tempo, de maneira contínua em sala de aula, como uma *descoberta*. A seguir, será observada a voz dos personagens que a diarista coloca como relevante em seu discurso.

c) Voz dos personagens

Citar pessoas que fizeram parte de todo o processo do estágio é quase inevitável, dado que, geralmente, essas pessoas acabam por influenciar na postura do estagiário antes, durante e depois da intervenção.

A personagem que segue, a professora da escola, tem uma grande relevância diante de todo o processo. É por meio do aval da mesma que o

estagiário passa a intervir na turma, além dos ensinamentos que esta tem a passar tanto como um modelo docente e/ou através de orientações de uma professora experiente. A diarista cita, a princípio, a professora da escola dando a devida importância, evidenciando que se trata de uma personagem indispensável no concerne do estágio.

- A professora da escola

No fragmento 05, abaixo, a autora menciona uma personagem importante no percurso do estágio, a professora da escola, já que foi, sob sua ótica, uma grata surpresa, em decorrência do que ex-estagiários lhe haviam relatado:

Fragmento 05:

Sabendo que Carla é supervisora do PIBID, e que era extremamente exigente, me bateu uma insegurança tremenda, a ponto de eu passar a noite toda pedindo a Deus para que ela não fosse para a aula, mas não teve jeito. Carla me surpreendeu muito, além dela ser ótima professora e super humilde, ela foi super discreta durante a aula, a ponto de eu esquecer que ela estava lá. Isso foi ótimo, já deu uma aliviada e tanto.

No exemplo, a diarista deixa evidente que um dos fatores que causaram o nervosismo e a insegurança no período inicial da intervenção no Estágio III foi o fato de que a professora da escola estaria em sala a observar a sua aula: *a ponto de eu passar a noite toda pedindo a Deus para que ela não fosse para a aula, mas não teve jeito*. Nesse momento, pode-se perceber o quão é aterrorizante para um estagiário a perspectiva que ele tem em relação a todo o conjunto que compõe o estágio, inclusive a professora da turma. Fazendo até mesmo que o docente em formação passe a noite anterior à aula com insônia, fruto do saber *pessoal* (TARDIF, [2002]2014), adquirido por meio de conversas com colegas de graduação.

Mas não era só isso, também o fato de que ela era supervisora do PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – CAPES. Nesse caso, não seria uma professora qualquer, mas sim, uma profissional que teria livre espaço para opinar sobre a postura docente desenvolvida pela estagiária. Pode-se dizer que a voz que fala nesse exemplo é a da personagem professora da escola, visto que, segundo Bronckart ([1999]2009), não é o agente da fala, mas é citada, tornando assim uma voz indireta no enunciado.

Com isso, sua postura é de fundamental importância no que diz respeito ao estágio, já que se trata de mais uma pessoa para avaliar o trabalho do estagiário e, caso não haja uma boa relação entre ambos, o estágio se tornará um martírio, fazendo com que o docente em formação não consiga concluí-lo (o que não foi o caso da professora colaboradora da pesquisa).

- Os alunos

Obviamente, a ansiedade por parte de um estagiário não diz respeito só à presença e à observação dos docentes, mas também aos alunos da escola, à aceitação e ao comportamento dos mesmos, que influenciam diretamente do andamento da aula, pois, de certa forma, cabe também ao estagiário ter domínio de turma. Logo, esse acúmulo de funções assusta o estagiário, visto que, na maioria dos casos, a intervenção é a primeira experiência dele em sala de aula e, naturalmente, muitos não sabem lidar quando uma situação dessa ocorre.

No exemplo que segue, a autora do diário narra uma situação inusitada que chamou sua atenção e influenciou positivamente seu sentimento perante à aula e à turma:

Fragmento 06:

Outra preocupação foi a turma, mais especificamente, José Pedro e Marcelo, pois na última aula que assistimos de Carla, eles se recusaram tirar o fone de ouvido e sair da sala quando ela pediu, porém, hoje, eles se comportaram bem, tiraram o fone quando eu pedi, participaram da aula e se comportaram durante a explicação.

No início do recorte, a diarista cita dois alunos e a professora da turma como voz de personagens em sua narração, ao relatar algo que ocorreu quando foi observar/conhecer à turma, anterior à intervenção, um enfrentamento entre a docente e os alunos. Inicialmente, quando a autora diz: *Outra preocupação foi a turma, mais especificamente, José Pedro e Marcelo, pois na última aula que assistimos de Carla, eles se recusaram tirar o fone de ouvido e sair da sala quando ela pediu*, o verbo “assistir” está conjugado na primeira pessoa do plural, assim, pode-se perceber que, ao falar, a autora assume também a voz de outra pessoa, que, com base em Bronckart ([1999]2009), trata-se da voz dos personagens “alunos”, tornando-se agentes indiretos do enunciado.

No instante em que *eles se recusaram tirar o fone de ouvido e sair da sala quando ela pediu*, a estagiária colocou-se no lugar da professora, imaginando, então, que uma situação semelhante pudesse ser uma realidade em suas aulas com aqueles alunos ou outros, e foi. Ocorreu a mesma situação, porém, com um desfecho diferente, o que, de alguma forma, surpreendeu-a e tranquilizou-a positivamente. Não se pode ignorar aqui o entrelaçamento com a voz social, pois não é difícil lembrar o fato de que muitos docentes, em situações cotidianas em salas de aula, vivem esse enfrentamento por parte dos discentes e rotineiramente sofrem agressões, não só físicas, como também verbais ou até comportamentais, como parece ter sido o caso.

Em seguida, quando ela declara que *eles se comportaram bem, tiraram o fone quando eu pedi, participaram da aula e se comportaram durante a explicação*, é possível constatar que a estagiária teve autonomia e autoridade como professora naquela turma, vivenciando uma situação referente à *descoberta*, apresentada por Hubermann (1989). O fator que a motivou a tomar tal atitude diante dos alunos foram os saberes *personais e experienciais* (TARDIF, [2002]2014), tendo em vista que, ao observar a aula previamente, percebeu que a forma como a docente abordou os alunos não foi muito eficaz, então, a estagiária optou por utilizar outro método. Talvez sua experiência de ser professora e ministrar aula em outra escola tenha contribuído para essa atitude.

- A professora supervisora

Ao final do diário, a autora cita outra personagem fundamental para a sua formação, considerando que, mesmo sendo a primeira aula ministrada na intervenção do Estágio Supervisionado III, a professora supervisora da universidade assistiu e avaliou a aula, como revela o exemplo:

Fragmento 07:

Ana foi ótima, super de boa, fiquei muito à vontade, nem parecia que estava sendo avaliada. Ao final da aula, na hora das observações, fiquei com medo de sair com a “cara no chão”, mas foi maravilhoso, nossos erros como dupla foram apontados, e graças a Deus, nossos acertos também, fiquei muito feliz com os meus acertos, é muito bom ser elogiada. Isso me motivou muito, acho que estou indo pelo caminho certo, tenho muito a melhor, mas vi hoje que não sou tão ruim como eu achava que era.

A diarista, a princípio, avalia a postura da professora supervisora durante a aula, fazendo com que aquela não se sentisse impedida de ministrar a aula, mesmo

considerando o nervosismo e o medo de ser reprovado já na primeira aula, ao declarar que *Ao final da aula, na hora das observações, fiquei com medo de sair com a “cara no chão”*, talvez em decorrência da experiência anterior, vivida no Estágio Supervisionado II, relatada na voz do autor empírico, no início da análise.

Em seguida, a autora faz menção ao momento em que ocorreram as orientações e foram apontados não só os erros, mas também os acertos, ao utilizar a expressão *graças a Deus*, revelando estar surpresa e aliviada por ter sido elogiada pela supervisora. Essa avaliação pode ser vista como um fator que engloba o momento da *descoberta*, de Hubermann (1989), dado que é um incentivo a mais para que a docente em formação continue a acreditar no estágio, como valorizador de qualidades e em si como profissional.

Em seguida, a autora declara que a forma como a supervisora falou sobre a sua postura como docente, a motivou a continuar o estágio, já que se tivesse sido de forma diferente, provavelmente, ela não tivesse mais forças para prosseguir. Acerca disso, não é demais constatar a importância de um professor supervisor, visto não só pela perspectiva da aprovação da metodologia desenvolvida pelo estagiário, mas também pelas orientações antes e durante esse momento, que são de fundamental relevância para que o estagiário possa mudar ou aperfeiçoar o que, provavelmente, não sabe fazer sozinho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio para muitos estagiários, inclusive para a professora colaboradora, é encarado como uma espécie de juízo final, no qual, pode ser a condenação do fracasso, antes mesmo de estar efetivamente como professor. Ou, uma redenção, quando se recebe resultados positivos, em termos de autoavaliação e por meio da avaliação do professor supervisor. Desta forma, diante das dificuldades encaradas pela diarista do período do estágio anterior, que causaram-lhe sensações e sentimentos que corroboraram em preconceitos em relação ao Estágio III, entretanto, devido a todos os fatores que o compuseram, a diarista conseguiu superá-los e seguir na carreira docente.

Pode-se dizer que as vozes identificadas por meio da análise, *a voz da autora empírica*, a estagiária e professora; *a voz dos personagens*, a professora da escola, os alunos e a professora supervisora; e *a voz social*, os estagiários e o

ser professor, juntas, falam a estagiária, dizem muito o que a define no momento em que é dito, o ser/estar estagiária.

No que se refere aos saberes, foram constatados apenas dois, os *pessoais* e *experenciais*, todavia, a reflexão realizada pela diarista, a partir dos saberes mobilizados, é completa e profunda, já que por meio dessa reflexão, a estagiária se libertou das amarras que a aprisionaram sob a ótica profissional, melhor dizendo, sobre o seu saber-fazer enquanto professora.

As fases da *sobrevivência* e da *descoberta* foram diagnosticadas no dizer da estagiária, a *sobrevivência* voltada ao Estágio Supervisionado II e a *descoberta* ao Estágio Supervisionado III, uma alternância entre frustração e realização.

É inegável a relevância da produção de textos reflexivos por docentes em formação inicial ou continuada, sendo diários, comentários ou relatos. A exemplo, o *corpus* do trabalho presente, um diário reflexivo, que, a princípio, não era obrigatória a sua escrita, mas, ao ser feito, a estagiária em formação valorizou sua produção, pois serviu não só para registrar suas reflexões acerca das aulas ministradas, como também reconhecer seus traumas, dissabores, evolução e realização.

Pode-se concluir que cada vivência é única e isso não é diferente do estágio, visto que, como ocorreu com a professora colaboradora, a experiência anterior por ela vivida pela mesma deixou resquícios negativos, causando até um desejo de desistir da docência, mas que foram superados no estágio seguinte. Assim como no estágio, na docência, em alguns momentos o docente se sentirá desmotivado, desvalorizado e, até incapacitado, porém, em outra situação, virá como uma espécie de remissão que fará com que o mesmo infira que ser professor vale apenas, como aqui refletido.

ABSTRACT

As a theoretical scope Applied Linguistics, more specifically or Sociodiscursive Interactionism (SDI), or present study visa identify as votes (BRONKHART, [1999] 2009) that is intertwined not speech of a teacher in training, knowledge (TARDIFI, [2012]] 2014) mobilized by that professor and the phases of *survência* and discovery (HUBERMANN, 1989) that across that professional. An analysis will happen from a reflective diary (REICHAMNN, 2009), written by a teacher in training during the first day of intervention, it is not internship Supervised III, turned to high school In this way, a qualitative interpretative approach (BORTONI-RICARDO, 2008), with a documentary basis (OLIVEIRA, 2007), is included. For the sake of analysis, not that it refers to the voices identified, but to the voice of the empirical author, represented now

by the stagnation, now by the teacher; voices two personages, a teacher of the school, some of them a supervising teacher; and, end the social voice, prays two intern, prays two professors to voice. Mobilized knowledge through same was diagnosed as you know personal and professional e, not that it refers to phases, or period of survival is related to esglesia prior to the difficulties faced by the same and the discovery, in internship III, through of overcoming that it is experienced for this. As of the identification of the two persons, two knowledges can be verified with respect to the supervised system, not referring to the composition of the groups, the maintenance of the status of the phases of initiation to the teaching. Thus, it can be inferred that it is not possible one effective analyze without interaction with that strand of the study in question.

Keywords; Applied Linguistics. Supervised internship. Reflexive diary.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 9-48.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior e para a Formação Continuada. Resolução CNE/CP 2/2015, de 1 de julho de 2015. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2 de julho de 2015. Seção 1, p. 8-12.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, texto e discursos: Por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC, [1999]2009.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda. *Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 115-126

FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1991. p. 58.

HUBERMAN, M. O ciclo da vida profissional dos professores. In.: NÓVOA, A. (org.) *Vida de professores*. Trad. Maria dos Anjos Caseiro e Manoel Figueiredo Ferreira. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1995, p.33-61. (Coleção Ciência da Educação).

LIBERALI, Fernanda Coelho. *O diário como ferramenta para a reflexão crítica*. 1999, 179p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao ensino de línguas) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 65-90.

PEREIRA, Márcia de Albuquerque. *Vozes em diários dialogados de professoras de língua inglesa: um estudo interacionista sociodiscursivo*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística), - Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

PIMENTA, Selam Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena Lima. *Estágio e Docência*. 4. ed. São Paulo: Cortez. 2009. p. 27-76.

REICHMANN, C.L. Ensinar, escrever, refazer(-se): um olhar sobre narrativas sobre narrativas docentes e identidades. In.: PEREIRA, Regina Celi e ROCA, Pilar. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009a, p. 69-85.

TARDIFI, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

TARDIF, M.; LESSARD, C. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. 3. ed. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VENTURI, Maria Alice. *Linguística Aplicada: área de investigação em pleno desenvolvimento*. In: Domínios de Linguagem, IV, p. _____, 2004. ISBN: 85-903532-3-0

APÊNDICE A – DIÁRIO REFLEXIVO SOBRE A 1ª AULA DE INTERVENÇÃO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO III

Alagoa Nova, 16 de outubro de 2017.

Querido diário,

Se eu pudesse resumir a sensação pré-estágio em uma palavra, seria: angústia. Não é pelo fato de encarar uma sala de aula, uma vez que esse nunca foi grande obstáculo para mim, não é por que eu já me ache uma professora autodidata, não, mas por eu ter a certeza que não se nasce professor, torna-se professor, e isso só acontece quando você está dentro de uma sala de aula, tendo a oportunidade de errar e refletir sobre o seu erro, tentando melhorar sempre. A minha angústia maior era ter que passar novamente por todo aquele processo tão traumatizante que foi o estágio II, além de você dar aula para uma turma altamente problemática, ainda ter que escutar poucas e boas ao final da aula, e assim, sair se sentindo um lixo da escola e querendo nunca mais voltar lá. Ai como era ruim, não gosto nem de lembrar.

Sabendo que Carla é supervisora do PIBID, e que era extremamente exigente, me bateu uma insegurança tremenda, a ponto de eu passar a noite toda pedindo a Deus para que ela não fosse para a aula, mas não teve jeito. Carla me surpreendeu muito, além dela ser ótima professora e super humilde, ela foi super discreta durante a aula, a ponto de eu esquecer que ela estava lá. Isso foi ótimo, já deu uma aliviada e tanto.

Outra preocupação foi a turma, mais especificamente, José Pedro e Marcelo, pois na última aula que assistimos de Carla, eles se recusaram tirar o fone de ouvido e sair da sala quando ela pediu, porém, hoje, eles se comportaram bem, tiraram o fone quando eu pedi, participaram da aula e se comportaram durante a explicação. Isso fortaleceu uma convicção que eu venho construindo com essa pouca experiência em sala, mas com alguns desafios superados (outros nem tanto) em relação a alunos que são trabalhosos com outros professores, mas comigo, se comportam, me respeitam, conversam sobre a vida deles, acredito que isso vem da forma como eu chego perto do aluno, como eu o trato diante dos colegas, eu percebo que quando isso acontece eles ficam admirados, pois isso não é tão comum no ambiente escolar.

Ana foi ótima, super de boa, fiquei muito à vontade, nem parecia que estava sendo avaliada. Ao final da aula, na hora das observações, fiquei com medo de sair com a “cara no chão”, mas foi maravilhoso, nossos erros como dupla foram apontados, e graças a Deus, nossos acertos também, fiquei muito feliz com os meus acertos, é muito bom ser elogiada. Isso me motivou muito, acho que estou indo pelo caminho certo, tenho muito a melhor, mas vi hoje que não sou tão ruim como eu achava que era.